



**REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS**

**A ABORDAGEM POLÍTICA E ECONÔMICA NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE HISTÓRIA ADOTADOS POR ESCOLAS PÚBLICAS DO
RECÔNCAVO DA BAHIA PARA O QUINTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Everton Marques de Carvalho¹

Resumo

O livro didático é instrumento que mais difunde o conhecimento científico em todas as ciências, abrange quase a totalidade das pessoas que estão na escola e traz uma linguagem de fácil entendimento. No livro de História não é diferente, ele é que leva à maioria das pessoas o conhecimento histórico necessário para a construção da identidade histórica, social e política. O que aqui se pretende é saber como as abordagens política e econômica são tratadas no livro didático de História, que temas elas apresentam e que instrumentos usam. Para tanto foram utilizados livros didáticos do PNL 2013-2015 adotados por escolas da rede pública municipal de ensino em Cachoeira e São Félix-BA para o quinto ano do Ensino Fundamental para uma análise de como estas abordagens históricas chegam às pessoas através do livro didático.

Palavras-chave: História. Ensino de História. Livro didático. História Política. História Econômica.

**1. PARA INÍCIO DAS DISCUSSÕES: UMA EXPLANAÇÃO DOS TEMAS E
MÉTODOS.**

O Ensino de História tem sido um dos campos mais discutidos nas pesquisas em História nos últimos anos. Notou-se já nos anos 1990 uma necessidade de se rediscutir os objetivos, conteúdos e métodos do ensino de história; notou-se que era necessário quebrar as estruturas estanques do trabalho em História na sala de aula, bem como do livro didático desse componente curricular. Essa discussão se deu também porque novas abordagens foram surgindo, novos temas passaram a surgir nas pesquisas e as vias políticas e econômicas além de serem revisadas, novos olhares foram dados a esses temas, bem como a necessidade de se trabalhar novos temas, além desses, na sala de aula.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do recôncavo da Bahia, e-mail: everton.mdecarvalho@hotmail.com.

Os autores que aqui aparecerão, especializados no campo do Ensino da História, fazem parte de um cenário no qual se discute não mais a produção do conhecimento histórico, mas como esse conhecimento é trabalhado ao chegar à escola, nos livros didáticos. São autores que se preocupam no como esse conhecimento sai da universidade e chega à população leiga. Para atingir tal finalidade serão aqui analisados livros didáticos adotados em escolas de Ensino Fundamental de nível I da rede municipal de ensino das cidades de Cachoeira e São Felix, BA. São obras adotadas em escolas da Zona Urbana a fim de serem usadas em turmas do 5º ano do Ensino Fundamental e o foco da análise que aqui será feita será o tratamento dado à História Política e à História Econômica nessas obras.

As experiências vividas na educação básica mostram que predominantemente os instrumentos didáticos trazem a abordagem política nos manuais, outras abordagens, que levam em consideração o fator demográfico, cultural, social ou artístico pouco ou nunca aparecem. O fator econômico nas abordagens dos livros didáticos é algo que (em muitos casos) aparece como fator coadjuvante ao fator político, sendo esse o modelo predominante da abordagem dos livros didáticos; ou seja, comumente em História se estuda quem foram os governantes, quando governaram e quais foram os principais eventos ocorridos durante cada governo, priorizando sempre os conflitos em que o Estado Nacional triunfou.

Somente por volta da virada do século XX para o XXI é que, como uma maior projeção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é que novas abordagens vieram a aparecer nos livros didáticos. O caráter exclusivamente político deu cada vez mais lugar à abordagens de cunho social, político e econômico, levando em consideração aspectos como as figuras típicas de cada região, o perfil cultural e social das pessoas que lá vivem. Não se pode, contudo, negar que a abordagem política e a abordagem econômica perderam parte do espaço que tinham nos livros didáticos ou desaparecessem dos mesmos. Ao mesmo tempo em que não podem afirmar completamente que elas desapareceram completamente da sala de aula de História.

Também ocorreu outra virada muito importante, os livros passaram a ser mais direcionados às macrorregiões do Brasil, foram editados livros que levam à sala do Nordeste aspectos do Nordeste, para as salas do Norte os aspectos históricos do Norte. Houve em muitos casos produções didáticas direcionadas ao público de cada estado. Outras temáticas apareceram também com a implementação da Lei 10.639/2003 bem como da Lei 11.645/2008, que trazem a obrigatoriedade da presença dos aspectos culturais

afro-brasileiros e indígenas, o que tirou do centro das temáticas a marcha do colonizador europeu em direção ao interior do Brasil.

O presente artigo objetiva, por meio da análise de livros didáticos, identificar como a História Política e a História Econômica são tratadas pelos mesmos. Para tanto serão analisados os livros didáticos adotados por escolas públicas das redes municipais de ensino de Cachoeira e São Félix, que atendem aos anos iniciais do Ensino Fundamental e será observado como as abordagens política e econômica aparecem neles, levando-se em conta outros fatores importantes quanto à apresentação dos conteúdos.

Isto se faz necessário tendo em vista as linhas gerais dos objetivos da história enquanto componente curricular tanto para os anos iniciais quanto para os finais do Ensino Fundamental. Não se pretende aqui reforçar o jargão de que o acesso ao conhecimento histórico é a chave para a compreensão do presente como se fosse esta a sua essência. Embora o conhecimento acerca do passado seja sem dúvida uma das chaves para compreender o presente, não se pretende fazer aqui tal reducionismo, uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais, no seu volume sobre História para o Ensino Fundamental coloca como objetivo para todo o ciclo fazer com que o educando se pense como sujeito histórico, tendo em suas relações de gênero, família, economia, sociedade, trabalho um conhecimento histórico.

Quando se observa o perfil muitas vezes caótico das escolas públicas, a aparente desorientação que muitos professores apresentam quanto ao conhecimento, o notório descontentamento dos estudantes por não perceberem consistência no que aprendem. O já conhecido descaso que muitos gestores possuem quanto à educação, somado à indústria editorial que nem sempre planeja que obras serão utilizadas em cada região são associados aos primeiros fatores expostos acima e constituem uma escola desorganizada, que difunde um conhecimento que se torna obsoleto fora dela.

O livro didático é a ferramenta que, se bem utilizado, pode mudar um pouco esse paradigma, portanto, conhecê-lo, saber que informações ele traz, e como ele traz suas informações, principalmente quanto à História Política quanto à História Econômica é de fundamental importância para que essa mudança venha a ocorrer. É sabido que estes campos de estudo foram sensivelmente colocados em segundo plano nos livros didáticos, sendo muitas vezes ignorados, ou trabalhados de forma tão distanciada que fatos presentes no cotidiano do estudante pareçam distantes, abstratos. Isso torna necessário ao professor comparar os conhecimentos fruto dessa pesquisa com os conhecimen-

tos prévios dos estudantes e os conhecimentos trazidos pelo livro didático para chegar a um conhecimento que seja importante para os estudantes.

Para a análise aqui proposta será feita em duas abordagens, quantitativa e qualitativa que será feita por meio de um protocolo de informações. Nesse instrumento serão levados em conta os seguintes aspectos:

- Quantidade de capítulos que cada obra dedica a cada uma das abordagens;
- Temáticas que são levantadas nesses capítulos;
- Espaços geográficos contemplados pelas obras;
- Nível de aprofundamento dos conteúdos propostos;
- Formas como as informações são apresentadas: textos, tabelas, gráficos, mapas temáticos, etc.

2. O ENSINO DE HISTÓRIA E LIVRO DIDÁTICO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

O Ensino de História, como supracitado, tem sido um campo de estudo fortemente concorrido, palco de debates que tornam a docência em História para o Ensino Básico algo mais interessante. Antes, porém se faz necessário trazer aqui uma definição do que vem a ser a História. Das muitas definições encontradas, as mais próprias foram as de Jim Sharpe, Walter Weiszflog e Luís Carlos Bento. Sharpe, que traz a História como sendo a ciência cuja função é prover os que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de origem². Enquanto Weiszflog define-a como sendo “a narração ordenada, escrita dos acontecimentos e atividades humanas ocorrida no passado”³, enquanto Bento, por sua diz:

A história pode ser definida como sendo um constructo linguístico textual que abrange o acontecimento passado dentro de uma determinada perspectiva teórica, metodológica e também ideológica, desta forma a historiografia produz uma leitura finita de uma realidade histórica que é infinita. Apesar do que pode parecer, esta definição não afeta as possibilidades da história enquanto conhecimento “objetivo” do passado humano, pois se o historiador em sua análise fosse capaz de dizer tudo o que se passou em uma determinada realidade histórica, não have-

² SHARPE, J. A História Vista de Baixo. In: BURKE, P. (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo, SP: Editora da Unesp, 1992, pp. 59-60.

³ WEISZFLOG, Walter. *Michaelis: moderno dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1998. *Apud* SILVA, L, dos S. **História: Bahia**, 4º/5º ano: volume único. São Paulo: Ática, 2004; p. 8.

ria nenhuma necessidade de se produzir novas interpretações sobre ele, dessa maneira os historiadores estariam em processo de extinção⁴.

A funcionalidade, os objetivos e conteúdos tem sido o centro das discussões e a principal preocupação das mesmas é propor um ensino de História que seja prazeroso para o estudante, e não uma decoreba de datas históricas e nomes de generais, presidentes e exploradores como se praticava até poucos anos.

Ensinar a pensar historicamente significa desenvolver a capacidade de transitar de um modo de argumentar para outro de relacionar a experiência humana com a vida prática de cada um. Este pensar se concretiza a partir da constituição da narrativa quando o indivíduo interpreta o passado seguindo os princípios e regras da ciência Histórica⁵.

Partindo desse pressuposto é necessário entender que não se pode cometer um erro muito comumente percebido nas ciências da Educação Básica, transformar os estudantes em pequenos historiadores, pois é necessário que ele se compreenda sujeito histórico, e não passe toda a sua vida escolar aprendendo sobre eventos não tenham impacto direto sobre a vida dele. Sendo assim, o que se nota é que...

O grande desafio que apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia⁶.

Essa educação se dá em um contexto engessado, no qual o currículo, o livro didático são tidos como sacros, a cultural e dotado de conhecimentos elementares. O que chega a ser um contrassenso, uma vez que é sabido que:

[...] o livro didático é um produto cultural dotado de alto grau de complexidade e que não deve ser tomado unicamente em função do que contém sob o ponto de vista normativo, uma vez que não só sua produção vincula-se a múltiplas possibilidades de didatização do saber histórico, como também sua utilização pode ensejar práticas de leitura muito diversas⁷.

⁴ BENTO, L.C. Livro Didático e Historiografia: um debate acerca do conceito de História produzido pelos livros didáticos, entre 2001 e 2005. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/interfaces/article/viewFile/58/85>> Acesso em 23 abr. 2013.

⁵ RUSEN, J. **Razão Histórica**: teoria a História: fundamentos da ciência histórica. *Apud* CIANELLI, M. "O que se ensina e o que se aprende em História" *In*: OLIVEIRA, Maria Margarida Dias de (Coord.). **História**: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010; p. 19.

⁶ PINSKY, J. e PINSKY, C. B.. "Por uma História prazerosa e consequente" *In*: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 19.

⁷ MIRANDA, S. R.; LUCA, T. R.. "O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD". **Revisita Brasileira de História**, vol. 24, no 48, jul- dez. 2004, p. 124.

Quanto ao livro didático, nota-se que ele tem ocupado o ponto central na aula de história, como sendo um objeto sagrado, dono da verdade. O que tem se notado em alguns casos é que o professor tem saído cada vez mais de cena para que o livro apareça e o estudante entedia-se com aulas nas quais o professor apenas fala, repetindo o que aparece nos livros, no mais tirando uma ou outra dúvida que eventualmente venha surgir nas aulas. E Miranda e Luca ressaltam ainda que:

Alguns temas sustentam-se em uma historiografia tradicional e apresentam-se de modo absolutamente recorrente e naturalizado em termos de explicação, tais como: a explicação da economia brasileira a partir da teoria dos ciclos; a ausência de dinamismo econômico na economia colonial; a análise da sociedade colonial somente a partir do binômio patriarcalismo/submissão feminina; a compreensão da industrialização brasileira a partir do paradigma paulista, em associação estrita com a acumulação de capital cafeeiro, entre outras muitas possibilidades analíticas que podem emergir se procedermos a uma análise mais pontual, incabível nos limites deste texto⁸.

O livro didático vem com a finalidade de auxiliar a ensinar História no ensino fundamental, mas também pode criar problemas, como o trabalho com conteúdos pré-estabelecidos em detrimento do trabalho com o cotidiano do que participam do processo de ensino-aprendizagem. Ainda podem ocorrer casos em que se ensinam os conteúdos de forma que se dá uma repetição mecânica dos mesmos, o que coloca o professor como um mero reproduzidor, cabendo a ele apenas transpor os conteúdos⁹.

3. A HISTÓRIA POLÍTICA E ECONÔMICA NOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

A análise dos dados feita na pesquisa teve, como dito anteriormente, foco no tratamento dado às abordagens econômica e política da História nos livros didáticos usados pelo quinto ano do Ensino Fundamental em escolas da rede pública. No exercício de análise aqui proposto, levar-se-á em conta os aspectos citados na seção anterior. O acesso às obras foi conseguido por meio da busca por essas obras nas escolas. Algumas escolas cederam as obras adotadas para o ano letivo, e em alguns casos foram cedidas obras usadas em 2012. Foram cedidas as seguintes obras:

⁸ MIRANDA, S. R.; LUCA, T. R. *Op. Cit*, p. 5.

⁹ CIANELLI, M. "O que se ensina e o que se aprende em História" In: OLIVEIRA, Maria Margarida Dias de (Coord.). **História: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 25.

- **Segredos da Bahia:** História, de Albani Galo Diez e Águeda Célia Fontes (2011, PNLD 2013-2015).
- **História.** Seção do livro interdisciplinar **Girassol:** saberes e fazeres do campo, de Tânia Maria Mares Figueiredo e Suely Almeida Porto Miranda (2012, PNLD (campo) 2013-2015).
- **História:** Bahia, de Lillian dos Santos Silva e Rosaly Maria Braga Chianca (2004, PNLD 2010-2012).

3.1. **SEGREDOS DA BAHIA: HISTÓRIA, DE ALBANI GALO DIEZ E ÁGUEDA CÉLIA FONTES**

Ao contrário da maioria das obras, que trazem os conteúdos dispostos em uma linearidade cronológica, esta traz capítulos temáticos sobre a economia, elementos políticos, eventos cronologicamente localizados, guerras, as cidades, etc. Dos dezesseis capítulos que compõem a obra, em cinco pode se perceber claramente essas abordagens, três tratam do elemento político e dois ao elemento econômico.

O primeiro a ser aqui explanado é intitulado “Aconteceu na Bahia” e trata da chegada dos portugueses à América e do período pré-colonial. Embora tenha uma abordagem diferente nos demais capítulos, este traz a tradicional narrativa já conhecida de que a chegada dos portugueses em terras americanas foi acidental durante uma das viagens para as Índias no comércio de especiarias. O capítulo faz o uso de mapas e ilustrações pertinentes ao conteúdo e o texto dialoga com elas. Em seguida faz uma retrospectiva acerca das navegações espanholas, do tratado de Tordesilhas e para finalizar a explanação.

O segundo capítulo intitula-se “Ocupação à vista”, e trata dos primeiros momentos da colonização. De início, como nos demais capítulos, a autora faz uma ligação do tema do capítulo com a atualidade. Ao tratar do início da colonização, o autor traz as expedições exploradoras, as guarda-costas e separa um espaço para tratar da figura do Caramuru. Em seguida a obra traz um texto sobre as capitânicas hereditárias e seus donatários, tratando das principais capitânicas que correspondem ao atual território da Bahia e de outras não tão conhecidas, como a do Paraguaçu, correspondente ao atual Recôncavo Sul e a do Primeiro Conde da Castanheira, correspondente à Ilha de Itaparica.

O terceiro capítulo que contempla o fator político, traz as guerras ocorridas na Bahia. Primeiro a Guerra de Independência, e traz como capa a emblemática imagem do 25 de julho de 1822, quando os cachoeiranos¹⁰ aclamaram D. Pedro I imperador do Brasil em frente à atual Câmara de Vereadores, em primeiro plano na imagem, o Tambor Soledade, agonizando no chão, representando os que morreram na luta pela independência. Em seguida a autora estabelece ligações entre a data acima citada, o 7 de setembro de 1822 e o 2 de julho de 1823, trazendo em seguida grupos nem sempre tão lembrados nas narrativas da guerra, escravos, mulheres tidas como heroínas: Maria Quitéria, Maria Felipa e Joana Angélica. Na segunda parte do capítulo ao autor traz a já conhecida narrativa sobre a Guerra de Canudos, novamente trazendo aspectos pouco lembrados, como o cotidiano das pessoas que viviam em Canudos e as forças que pressionavam o Estado para abrir fogo contra a vila.

Nos dois capítulos que tratam do elemento econômico a autora traz uma análise contextualizada da economia baiana ao longo da História, desde a exploração do pau-brasil, passando pela predominância da cana de açúcar e a exploração de diamantes na Chapada Diamantina. Em seguida faz descrição breve de como eram as culturas do algodão, do fumo e do cacau, trata também da fruticultura e dedica uma seção do capítulo para a pecuária, levando em consideração seu papel na colonização do interior do território.

Um segundo capítulo da obra de Diez é dedicado ao elemento econômico, neste segundo ele trata mais profundamente da mineração, mais do ouro e do petróleo do que dos diamantes. Tratam também das crises das culturas do açúcar e do fumo ocorridas no início do século XX. Este encerra-se tratando da infra estrutura de transportes, e trata da implantação das ferrovias e hidrovias do Estado e de sua importância histórica para a economia do Estado.

3.2. GIRASSOL: SABERES E FAZERES DO CAMPO, DE TÂNIA MARIA MARES FIGUEIREDO E SUELY ALMEIDA PORTO MIRANDA

Nesta obra, o elemento político aparece mais implícito ainda, assim como o econômico, aparecendo de forma substancial nos capítulos, pois se trata de uma obra, assim como a anteriormente analisa, de uma obra que traz o conteúdo por temas, não em

¹⁰ *Cachoeirano* é como são chamados os habitantes do município de Cachoeira-BA, local onde teve início a guerra de independência do Brasil em 25 de junho de 1822.

uma linearidade cronológica. A obra é destinada à Educação do Campo e trata antes que qualquer outro tema, da formação do proletariado rural e de como este se relaciona com as demais classes. E traz uma definição um tanto interessante sobre o que vem a ser História. Dizem as autoras que a História o estudo da forma como participamos dos fatos e de como transformamos a realidade e dizem ainda que:

Estudar história, por sua vez, é conhecer as mudanças e permanências nas formas de organização política, econômica, social e cultural ao longo do tempo. É perguntar como a realidade em que vivemos se relaciona com o passado. É compreender a nossa própria história e a de outros grupos sociais¹¹.

Na seção intitulada "Terra e trabalho no campo" as autoras tratam do uso da terra como meio de produção, desde o modo de produção indígena, passando pela criação das capitânicas hereditárias, no trato da terra em cada um desses períodos. Por fim a seção "Campo, cidadania e Constituição", traz o elemento político, contemplando como o proletariado rural, bem como os indígenas foram tratados pelo Estado ao longo da História do Brasil, desde a Independência aos dias atuais.

3.3. **HISTÓRIA: BAHIA, DE LILIAN DOS SANTOS SILVA E ROSALY MARIA BRAGA CHIANCA**

Esta, embora seja produzida no contexto das novas tendências historiográficas, traz os conteúdos dispostos na famosa linearidade cronológica quase sacralizada nos livros didáticos. Em cada capítulo a narrativa tradicional é evidente e o uso das imagens resumem em muito o texto. Além de pinturas, mapas de época e gravuras são utilizadas assim com gráficos e mapas temáticos.

A narrativa se constrói através de eventos ocorridos na Bahia, desde a chegada dos europeus passando pela Revolta dos Malês e a Guerra de Independência. Cada evento político é intercalado por capítulos de História Cultural e Social, sendo o elemento econômico um coadjuvante do político, aparecendo de maneira alternada nos capítulos. Embora traga a linearidade cronológica em seus capítulos, dentro deles traz temas e não prioriza dentro deles o elemento político.

Ao contrário da obra de Figueiredo e Miranda, que é direcionada a um público específico, esta se assemelha à de Diez, direcionada a um público mais amplo, tratam da mesma temática de forma muito semelhante. Embora haja apenas dois capítulos

¹¹ FIGUEREDO, T. M. M.; MIRANDA, S. A. P.. "História". In: **Girassol**: saberes e fazeres do campo, 5º ano. São Paulo, FTD, 2012; p. 151.

dedicados à História Política e outro dedicado exclusivamente à abordagem econômica. Estes capítulos serão descritos a seguir.

No capítulo intitulado “A Bahia e o domínio português” as autoras traçam um perfil da Bahia colonial, em como esta se relacionava política e economicamente com a Europa. Trata também dos motivos que levaram ao desencadeamento da Guerra de Independência, não no âmbito das elites sociais e políticas, mas na sociedade como um todo. Em seguida trazem uma narrativa da luta de independência bem como com a lendária Batalha de Pirajá é lembrada em outras localidades.

Em seguida, no capítulo “Transformações políticas na Bahia” as autoras trazem os principais eventos políticos ocorridos durante o século XIX. Desde a abdicação e D. Pedro I, lembrada em Salvador com o nome de um bairro, trata também dos movimentos federalistas de 1824 (Levante dos Periquitos) e de 1847 (Sabinada) e finaliza o texto tratando do governo de D. Pedro II e sua visita à Bahia, e também da Proclamação da República, sempre tratando de como esses eventos ocorreram na Bahia.

No capítulo intitulado “Economia e cultura baiana” as autoras trazem historicamente localizados os principais produtos da economia baiana. Desde o cacau, predominante no sul da Bahia, com seu apogeu entre o final do século XIX e primeira metade do XX, passando pelo petróleo, predominante no recôncavo-norte e trata o algodão, do tabaco e não tira importância do turismo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pode se concluir a partir da análise dos livros é que a abordagem política, assim com a econômica tem perdido espaço nos livros didáticos de História. E, ao contrário dos livros de eram utilizados pelo PNLD até a década de 1990 e início dos anos 2000, que tinham uma predominância destes fatores, as novas obras trazem uma História cada vez mais social e cultural. Isso se deve uma nova tendência historiográfica que pretende inserir nos livros didáticos novos temas, novas abordagens, trazendo um novo ar ao livro didático de História.

A virada historiográfica ocorrida no livro didático brasileiro, em um âmbito geral, por do ano 2005 trouxe para a sala de aula a História Social, a Cultural e a História da Arte. Tirou do livro didático a predominante cronologia política, tratando apenas dos feitos dos governantes e as revoltas que estes suprimiram e colocou figuras antes ignoradas por esse gênero historiográfico, embora mantenha a narrativa superficial típica dos

livros didáticos. As obras trazem o conteúdo de forma interativa, de maneira que ele por si só não basta à compreensão total do que traz, sendo necessária a mediação do professor e a capacidade de abstração e reflexão dos estudantes.

Os autores se preocuparam também com um dos mais antigos entraves do conhecimento histórico, pois em todas as obras analisadas iniciam os temas partido de relações entre estes e o presente. Tirando assim o traço distanciado e sem aplicação ao presente que o conhecimento histórico didático tinha, o estudante vê no que é passado nas aulas de História algo pertinente à sua realidade.